

Marcelo V. Silveira

[1] Universidade Federal de Alagoas/Universidade de São Paulo | **Título abreviado:** Editorial | **Email:** marcelopsi06@gmail.com | **doi:** org/10.18761/edt240123

## Editorial

A liturgia deste cargo de Editor Chefe incumbiu-me de anunciar este Número Especial dedicado a discutir as contribuições do professor José Antônio Damásio Abib tanto para a pesquisa filosófica e conceitual do Comportamentalismo Radical quanto para a produção de cultura acadêmica brasileira. Devo admitir que me considero apenas subcriador do projeto que possibilitou o lançamento deste número na *Revista Perspectivas em Análise do Comportamento*, pois nada teria sido feito sem a criatividade, a ousadia e a liderança exercidas pela Carolina Laurenti e pelo Carlos Eduardo Lopes. Ambos conduziram o projeto do início ao fim e, sendo assim, gostaria de – em nome de toda a equipe editorial atual e conselheiros desta revista – parabenizá-los muito efusivamente pelo brilhantismo do trabalho. Nesta mesma linha, transmito os nossos agradecimentos aqueles que atenderam ao convite para contribuir com o Número Especial: Saulo de Freitas Araujo, Renato Rodrigues Kinouchi, Alexandre Dittrich, Marina Souto Lopes Bezerra de Castro, Henrique Mesquita Pompermeier, Diego Zilio, Kester Carrara, César Antônio Alves Rocha, Diego Fernandes Mansano, Julio de Rose e Olavo Galvão.

Em seu trabalho mais recente intitulado “Comportamentalismo Radical: uma filosofia do presente”, Abib (2022) argumenta que essa filosofia, seu objeto de estudo e seu projeto de Psicologia estariam em constante confronto dialético com os imperativos culturais da época. Tal embate transforma as ideias no tanto âmbito do Comportamentalismo Radical quanto fora dele. Não é, portanto, nenhum exagero assumir que o Comportamentalismo

Radical seria um dos principais eixos epistêmicos da produção de conhecimento de saberes filosóficos historicamente relevantes, relações humanas, problemas quotidianos, tensões sociais, perspectivas sobre problemas mundiais e suas possíveis soluções.

Considerando as ideias desenvolvidas no referido artigo, foram elaboradas as regras às quais todos os autores foram submetidos: redigir um texto ensaístico baseando-se no(s) ponto(s) do denso e extenso trabalho intelectual do professor Abib e buscando uma conexão com o momento atual do Comportamentalismo Radical. Cada texto foi avaliado pela Carolina, pelo Carlos e por mim, mas havíamos decidido aplicar edições mínimas quanto aos possíveis erros de digitação e questões relativas às normas da *American Psychological Association* (APA, 7<sup>a</sup>. Edição). Dessa forma, encontram-se publicados no Número Especial artigos que preservam as ideias e opiniões de cada autor em sua integralidade.

Eu poderia utilizar alguns critérios quantitativos para tecer loas acerca de José Antônio Damásio Abib. Ainda que minhas intenções fossem as melhores possíveis, listar números de artigos, livros publicados, orientandos, palestras e conferências soaria maçante e ao mesmo tempo descompromissado. Não tive oportunidade de firmar laços de amizade com o homenageado e não posso falar-lhes de momentos inesquecíveis entorno da mesa, entornando copos e taças enquanto falamos sobre a vida. Também empenho-me arduamente contra o Pachequismo dos tempos atuais. Julgo, portanto, ser impossível aparentar uma grande intimidade com temas que estão relativamente distantes de minha área de *expertise*. Mas a linguagem empírica também não exprimiria o impacto de meus

poucos – porém marcantes – encontros com Abib e sua obra sobre minha pessoa. Por isso, retratei estas experiências em uma crônica com alto teor autobiográfico e inúmeros exageros retóricos e estilísticos tão peculiares a este gênero literário e que permitirão aos leitores estimarem as catarses que acometem o eu-lírico.

Uma Crônica:

As atenções e olhares ficaram dispersos em razão do término da palestra inaugural. Pessoas acomodavam-se nas confortáveis cadeiras do recém reformado Auditório Florestan Fernandes para escrutinar o *folder* que continha a programação daquele evento. O ano era 2003 e a Jornada de Análise do Comportamento (JAC), até então, era uma exclusividade da Universidade Federal de São Carlos. A *internet* já havia avançado muito, mas as interações humanas ainda ocorriam em um ambiente puramente analógico. Ou seja, as pessoas consultavam papéis e comunicavam-se oralmente com seus colegas para tomar certas decisões sobre o que assistir e não assistir nas próximas horas do evento. O sibilar das vozes ganhava tônus e as conversas tornavam-se audíveis enquanto os dedos indicadores apontavam para uma posição específica do *folder*. Entre esfregares de pálpebras, arrumações de colarinho e consultas nos relógios de pulso, uma palavra era reiteradamente vocalizada de modo muito familiar à maioria daqueles jovens. Ainda que já não fosse tão estranho as pessoas terem relativa afinidade com palavras do idioma árabe, era incomum ver jovens alunos tratando um palestrante – um professor, possivelmente – com tamanha informalidade. E ainda que muitas práticas já tivessem sido repactuadas por certos progressos no campo da educação doméstica e dos costumes, soava exótico quando fala-se em árabe para tratar um professor como um Querido.

“Você viu isso? O *Habib* fará uma palestra hoje”, diz uma moça ao rapaz ao lado. “Eu vi e assistirei, com certeza. Eu nem gosto muito desses assuntos, mas qualquer apresentação do *Habib* é imperdível”.

Tinha grandes simpatias pelas ideias e pessoas que tornavam Comportamentalismo Radical possível e tangível. Passava excessivo tempo em contemplações estimuladas por certos fatos que soassem pitorescos. Mas, como um mero “segundoanista” do curso de Psicologia, fiquei particularmente

afetado pelo parônimo e perdido em contemplações inúteis. Ao ver o amigo de faculdade e parceiro nesta viagem Beto Lopes no *hall* de entrada do anfiteatro encontrei-o com o *folder* entreaberto apontando o nome José Antônio Damásio Abib – não *Habib* – circulado a caneta. Ele sugeriu que assistíssemos à palestra intitulada “Consciência e Comportamento”. Aceitei enquanto assumia uma postura defensiva e excessivamente pernóstica para disfarçar minha ignorância. “Somente um energúmeno cairia numa dessas”, pensei.

As teses do filósofo Daniel Dennett e do neurocientista Eric Kandell estavam em voga e ocupavam grande espaço no debate público e acadêmico acerca da Mente e da Consciência. Em linhas gerais, propunha-se que pressões biológicas e sociais combinadas aos processos neurobiológicos possibilitavam ao sujeito um certo “olhar de fora” possibilitando assumir perspectivas analíticas sobre si mesmo, que estariam no bojo de narrativas subjetivas em discurso indireto livre<sup>1</sup>. Isto posto, a Consciência seria a *Gestalt*<sup>2</sup> das narrativas e dos padrões únicos de atividade cerebral únicos da espécie humana. Quanto ao Comportamento, bem, esse seria um coadjuvante, um resquício ou resíduo, correlato às ações da Consciência. Eu estava muito habituado a raciocinar sobre a Consciência e Comportamento como elementos metafísicos antagônicos da constituição do nosso ser. Mas o palestrante subverteu habilmente a lógica do discurso corrente declarando que o Comportamento seria como uma espécie de chave-heurística para compreendermos os fenômenos que diziam respeito à Consciência. Ora, que ignorância a minha, pois, o Comportamento só era explicado pela Consciência quando as narrativas subjetivas permitiam ao “olhar de fora” divisar as variáveis das quais ele era função. Nunca o contrário.

Sentia-me imbuído de um certo poder de precipitar-me com mais coragem sobre críticos – sobretudo, os detratores – em defesa de minha identificação com a Psicologia Comportamentalista. Graças a isso, o adesismo puramente estético e irrefletido maturou e transformou-se em opção deliberada

1 Ver Banfield (1973).

2 O termo aqui expressa a noção de que o todo é qualitativamente e quantitativamente superior à simples soma das partes.

pelo “contraponto”. Os ecos daquele encontro reverberavam pelos 20 anos que o sucederam. Ora encobertamente, quando submergia em meus próprios pensamentos e reflexões; ora, publicamente, em eventuais diálogos com os amigos comportamentalistas e não-comportamentalistas que construíam carreiras nas diversas áreas de atuação da Psicologia. Desde a clínica até a análise experimental dos mecanismos comportamentais básicos, era possível sentir a influência de Abib nas entrelinhas de alguns enunciados sobre temas tão diversos quanto exóticos: epistemologia, aprendizagem, *self*, autocontrole, religião, estética, cultura, história, valores. Parecia-me cada vez mais claro o papel de Abib para que o Comportamentalismo Radical – de origem fundamentalmente norte-americana – aprendesse a pensar-se a si mesmo a partir das práticas de tradições intelectuais de nosso país.

Mas por quantas jornadas e aventuras Abib teria passado durante estes 20 anos? Teria banquetado com Dante Alighieri? Quais as almas penadas cairiam direto para *Walden Two* segundo o crivo de Minos e seus juízes? Tudo o que posso dizer é que *Walden Two* é um lugar para o qual Abib seguramente (sic) “não gostaria de ir”. Mas as sombras e agonias que emanavam da temática tétrica foram vencidas pela leveza das palavras francas e pedagógicas. Pois, os comportamentos que precipitam-nos direto para o abismo do Inferno Comportamental têm variáveis de controle. E ao compreendê-las, livramo-nos todos do Inferno Comportamental<sup>3</sup>.

Muito calharam os aplausos ao final da palestra. Era importante retribuir aquela palestra tão *sui generis* sobre Comportamentalismo Radical. Estávamos acostumados a refletir o Comportamentalismo Radical como um meio para a resolução de problemas, não o contrário. Nunca o contrário! Mas, são as perguntas impertinentes, os contrastes e a anarquia intelectual são os artifícios pedagógicos de um grande professor. “Esta palestra foi sensacional. Mas, eu não poderia esperar menos do que isso. O Abib foi com certeza um dos melhores professores que eu tive na graduação. Ele falava de James, William James, de uma forma muito didática para alunos de graduação de um curso

de Psicologia. Você consegue imaginar isso? Todos entendiam. E propunha seminários e nos estimulava ao debate. Eram aulas incríveis! Foi um enorme privilégio ter tido aulas com ele. Eu aprendi muito, muito mesmo. É muito bom revê-lo. Muito bom mesmo”, disse minha esposa Mariéle Diniz Cortez sem esconder sua emoção.

“Poxa, o Abib é mesmo um Querido”, pensei.

## Referências

- Abib, J. A. D. (2022). Comportamentalismo Radical: Uma filosofia do presente. *Revista Perspectivas em Análise do Comportamento*, 13(2), 4-12. doi: [org/10.18761/ivtd46454](https://doi.org/10.18761/ivtd46454)
- Banfield, A. (1973). Narrative style and the grammar of direct and indirect speech. *Foundations of Language*, 10(1), 1-39. <http://www.jstor.org/stable/25000702>

3 Palestra proferida no XXVI Encontro da ABPMC (UNESP/BAURU).



## José Antônio Damásio Abib

Nasceu em Itabuna, no sul da Bahia. Na juventude estudou música e filosofia. Kursou Psicologia na Universidade de Brasília. Fez mestrado e doutorado em Psicologia Experimental na Universidade de São Paulo, e pós-doutorado em Epistemologia da Psicologia na Universidade de Aarhus (Dinamarca). É professor aposentado pela Universidade Federal de São Carlos, onde integrou o Departamento de Filosofia e Metodologia das Ciências. Orientou pesquisas no Programa de Mestrado e Doutorado em Filosofia na Área de Concentração em Epistemologia da Psicologia e da Psicanálise. Publicou vários livros e artigos sobre História e Filosofia da Psicologia e do Comportamentalismo Radical. Atualmente ouve música, lê e escreve poesia.